



NOMEAÇÃO  
GLOBOS DE OURO  
MELHOR FILME  
LINGUA ESTRANGEIRA



FESTIVAL DE CANNES  
UN CERTAIN REGARD  
PRÊMIO DO JÚRI



indie  
lisboa  
12º Festival Internacional  
de Cinema Independente

# FORÇA MAIOR

FORCE MAJEURE

UM FILME DE  
RUBEN ÖSTLUND





# SINOPSE CURTA

Uma família sueca viaja para os Alpes Franceses para desfrutar de uns dias de esqui. O sol brilha e as pistas estão espetaculares, mas durante o almoço num restaurante na montanha, uma avalanche vai provocar o caos. Com os comensais a fugir em todas as direções, a mãe Ebba chama pelo seu marido Tomas, enquanto tenta proteger os seus filhos. Tomas, entretanto, está a fugir para se salvar...

# SINOPSE LONGA

Uma família sueca viaja para os Alpes Franceses para desfrutar de uns dias de esqui. O sol brilha e as pistas estão espetaculares, mas durante o almoço num restaurante na montanha, uma avalanche vai provocar o caos. Com os comensais a fugir em todas as direções, a mãe Ebba chama pelo seu marido Tomas, enquanto tenta proteger os seus filhos. Tomas, entretanto, está a fugir para se salvar...

O desastre que se adivinhava não aconteceu e, contudo, a família foi abalada no seu âmago e paira um enorme ponto de interrogação sobre o pai. O casamento de Tomas e Ebba está em risco, pois Tomas luta desesperadamente por recuperar o seu papel de patriarca da família. Uma comédia de observação sobre o papel do homem na vida familiar moderna.



# DECLARAÇÃO DO REALIZADOR

FORÇA MAIOR tem origem numa pergunta que há muito me fascina: como é que os seres humanos reagem em situações repentinas e inesperadas, tais como uma catástrofe? A história fala duma família que está de férias e testemunha uma avalanche, fugindo, aterrorizada. Quando tudo termina, sentem-se envergonhados por terem sucumbido ao seu medo mais primário.

Esta história em particular surgiu de uma situação caricata que eu não consegui esquecer. Há alguns anos, um casal sueco, amigos meus, estavam de férias na América Latina quando de repente, do nada, surgiram uns homens armados que começaram a disparar. O marido, instintivamente, correu a tentar abrigar-se, deixando a sua esposa desprotegida. De volta à Suécia, ela não conseguia parar de contar esta história repetidamente, após um ou dois copos de vinho...

Isto estimulou-me a imaginação, comecei a pesquisar outras histórias similares a esta – histórias de aflição e emergências, de passageiros em navios que se afundam, de turistas atingidos por tsunamis ou que foram feitos reféns por grupos armados. Nestas situações extremas, as pessoas podem reagir de uma forma inesperada e completamente egoísta. Tudo indica – e há estudos científicos sobre o assunto – que no rescaldo duma catástrofe, um ataque terrorista ou um naufrágio, grande número dos sobreviventes se divorcia. Também parece que, em muitos casos, os homens não têm a atitude cavalheiresca esperada. Em situações de vida ou morte, quando a nossa própria sobrevivência está em jogo, parece que é ainda mais provável que os homens fujam para se salvarem, do que as mulheres... e essa pode ser a causa principal desses divórcios. Isto fez-me querer falar da noção pré-concebida de que um homem deve ser o protetor da sua esposa e família, abordar o código da sociedade que dita que não devemos recuar perante o perigo.

A partir daqui, cheguei ao conceito de um drama existencial numa estância de esqui – algo que me parece terrivelmente apelativo. As férias para esquiar contribuem para a sensação de termos controlo total sobre a nossa vida. A estância de Les Arcs, onde foi filmado FORÇA MAIOR, foi construída nos anos 50, como a maioria das estâncias de esqui europeias, para receber famílias de classe média que consistiam numa mãe (que podia trabalhar ou não), o pai executivo e dois filhos. O pai deve ajudar nas tarefas, enquanto a ampla cozinha do apartamento da estância permite que a mãe faça outras coisas além de cozinhar, por exemplo, que vá esquiar com a sua família ou então, que simplesmente descontraia. As estâncias de esqui devem ser acolhedoras, tal como mostram os anúncios: podemos





imaginar uma mulher a descontraí, o marido a brincar com os filhos. É nas férias que o pai de classe média ocidental “compensa” a família pela sua ausência. É uma época em que ele pode dedicar-se aos filhos e tratar deles.

Mas em **FORÇA MAIOR**, o “homem civilizado” é confrontado com a “Natureza”. As personagens passam por este drama e o pai, Tomas, tem de enfrentar o seu lado selvagem, pois o seu instinto levou-o a salvar-se e a abandonar a sua mulher e filhos. Ele tem de encarar a realidade de que também ele está sujeito às forças da Natureza e que falhou em ocultar o seu impulso humano mais básico, o instinto de sobrevivência.

Após o pânico da avalanche, as nossas personagens conseguem sorrir nervosamente, levantam-se, sacodem a neve... Mas embora não tenham sofrido danos físicos, os laços familiares foram fortemente abalados e aos poucos irão perguntar-se a si mesmas acerca dos papéis que julgavam desempenhar tão bem, terão de lidar com esta nova imagem do pai, Tomas, que não se comportou como era esperado. O próprio Tomas terá de reconciliar os seus atos com a imagem que tem de si mesmo e a sua esposa, Ebba, tem de reconhecer que o seu marido e pai dos seus filhos os abandonou no momento em que mais precisavam dele. Esta situação em particular ilustra a existência mais vasta das expectativas específicas mútuas entre os membros duma família, mesmo que raramente se fale nessas noções pré-concebidas. Cada pessoa tem o seu papel a desempenhar e espera que os outros ajam de acordo com o seu papel específico. Talvez inconscientemente, muitas pessoas esperam que a mãe tome conta dos filhos diariamente, enquanto o pai tem de estar à altura do desafio quando surge uma ameaça inesperada. Porém, hoje em dia, raramente um homem tem de proteger a sua família. Raramente ele tem uma oportunidade prática de desempenhar este papel, pois os perigos para a sociedade de classe média no mundo ocidental são muito reduzidos. Mas toda a gente ainda espera isso dos homens, até eles mesmos esperam isso de si. Isto interessa-me, esta expectativa e também o facto de estar desfasada da realidade – as estatísticas mostram que as probabilidades de um homem abandonar a família numa situação de crise são maiores do que se pensa. As investigações de catástrofes marítimas mostram que o número de sobreviventes masculinos é maior que o feminino.

A estrutura deste filme segue o normal calendário duma semana de esqui – primeiro dia, segundo dia, terceiro dia... até que a família vai para o aeroporto no quinto dia. A estrutura familiar vai ser desenvolvida no primeiro dia: o cenário idílico, as montanhas, o tempo fantástico... O incidente com a avalanche ocorre no segundo dia. No terceiro, quarto e quinto dias veremos como a família tenta lidar com as consequências da avalanche... Esta estrutura de cinco dias permite-nos repetir vários elementos da rotina diária – o pequeno-almoço, lavar os dentes à noite – de modo a seguir a evolução do comportamento da família antes e depois do incidente.



Em FORÇA MAIOR, vamos seguir Ebba e Tomas na sua jornada, ver a evolução dos seus sentimentos e a sua percepção dos eventos, vamos vê-los debaterem-se por voltarem a estar juntos, partilhar as suas tristezas e esperanças. O apelo para o público está muito mais ligado à emoção do que nos meus filmes anteriores, mais conceptuais. Na última cena, quando as personagens regressam de autocarro ao aeroporto, os turistas dão por si de um dos lados da estrada, graças em parte ao desleixo do condutor e, por outro lado, porque deixaram que o seu medo levasse a melhor sobre eles. E agora descem a montanha a pé. Quando veem o autocarro partir em segurança, surge um ligeiro sentimento de vergonha coletiva, todavia, à medida que caminham, esse sentimento transforma-se lentamente numa sensação de solidariedade. As suas máscaras sociais estilhaçaram-se e agora partilham juntos um momento muito forte.

## SOBRE O REALIZADOR

Ruben Ostlund nasceu em 1974 em Styrso, uma pequena ilha ao largo da costa ocidental da Suécia. Estudou design gráfico antes de ingressar na Universidade de Gotemburgo, onde conheceu o produtor Erik Hemmendorff, com quem viria a fundar a Plattform Produktion. Um esquiador ávido, Ostlund realizou três filmes de esqui, aludindo à sua predileção por cenas longas, um gosto que ele estruturou e desenvolveu ao longo dos seus estudos cinematográficos e que hoje continua a ser um marco importante do seu trabalho. Ruben tornou-se conhecido pelos seus retratos bem-humorados e exatos do comportamento social humano, bem como pelo uso vincado de Photoshop e outros programas de melhoramento de imagem nos seus filmes.

O seu filme de estreia, THE GUITAR MONGOLOID, produzido pelo co-fundador da Plattform Produktion, Erik Hemmendorff, venceu o prémio FIPRESCI em Moscovo, em 2005. INVOLUNTARY estreou na secção “Un Certain Regard” do Festival de Cannes em 2008. O filme foi depois distribuído em mais de vinte países e exibido em vários festivais, garantindo a Ruben o reconhecimento internacional. Dois anos depois, ele venceu o Urso de Ouro em Berlim, com INCIDENT IN A BANK, uma curta-metragem em que todos os movimentos de câmara foram criados por computador na fase de pós-produção. A estreia da sua terceira longa-metragem, PLAY (2011) decorreu em Cannes, durante a Quinzena dos Realizadores, onde ele venceu o prémio “Coup de Coeur”. Depois de Cannes, PLAY foi exibido nos festivais de cinema de Veneza e Toronto, onde venceu prémios adicionais e teve várias distinções. FORÇA MAIOR é a sua quarta longa-metragem.



# REVISTA DE IMPRENSA

## CANNES 2014: FORÇA MAIOR - CRÍTICA: "SÁTIRA BRUTAL"

Tim Robey – *The Telegraph*

Os seminários de escrita de argumento gostam de dar ênfase ao “evento desencadeador” que faz avançar o enredo para as personagens do filme e o grande dilema que as define. Em FORÇA MAIOR, a mais recente experiência cinematográfica do realizador sueco Ruben Ostlund, que genialmente nos testa e faz rir nervosamente, esse evento é um momento que muda tudo, embora ninguém morra ou sofra qualquer dano a nível físico. O incidente crítico ocorre após uma série de imagens inquietantemente banais, que preparam o terreno para o final tempestuoso do “Verão” de Vivaldi, em “As Quatro Estações”, que nos mantém a sofrer por antecipação. Normalmente acontecem tantas coisas numa cena de Ostlund, que qualquer pessoa que conheça o trabalho dele (INVOLUNTARY, 2004, PLAY, 2011) vai achar o cenário cheio de suspense na sua falta de drama em primeiro plano. O seu filme decorre ao longo de cinco dias de férias para esquiar nos Alpes Franceses, um refúgio aparentemente caro para o casal abastado Tomas e Ebba, e os seus dois filhos. Estas não são as primeiras personagens de Ostlund cuja bolha da aparente vida burguesa e privilegiada parece um casulo onde é perigoso habitar. Vai rebentar, mais cedo ou mais tarde. Mas vai rebentar a partir de dentro e não de fora. Estão todos a almoçar na esplanada do restaurante e começam a ver uma avalanche – controlada, segundo Tomas afirma – a descer pela montanha. A avalanche ganha força e aproxima-se. Cresce a consternação. Os outros comensais fogem. Neste momento de pânico cego, o instinto de Ebba é proteger os filhos. Mas Tomas pega no telemóvel, nas suas luvas e foge. O manto branco, após esta cena magnificamente conseguida, dissipa-se. Era apenas poeira de neve, atirada pela avalanche lá em baixo. Tomas regressa para junto da sua família abalada e, durante algumas horas, permanecem num ligeiro estupor, como se nada de mais tivesse acontecido. Quando Ebba revela o seu espanto e confusão, dá-se uma típica cena de Ostlund: ela faz isso durante o jantar, com outro casal não só a olhar, mas a tentar debilmente fingir que este lapso não é tão mau quanto parece. Tomas faz o mesmo, alegando que a sua recordação da crise é totalmente diferente da de Ebba. Mas o filme não lhe oferece uma muleta ao estilo Rashomon de subjetividades contraditórias. Nós sabemos o que vimos. A verdade do seu abandono nada simpático começa a corroer o seu casamento como uma praga.





Ostlund tornou-se quase um mestre da sátira brutal dos problemas, presunções e preconceitos escondidos dos seus conterrâneos, tal como Bergman numa série bem mais diabólica. Ele estreia os seus filmes como lentas bombas de mau cheiro, prestes a explodir, nos cinemas mais alternativos de Estocolmo. Este filme vai ser exibido em Cannes na competição paralela de *Un Certain Regard*, mas merecia bem estar na competição principal e tem reservas secretas de compaixão, assim que nos permitimos um vislumbre do mesmo.

Em *Tomas*, Ostlund diagnostica as características do egotismo masculino encenado e duma flagrante imaturidade, quase superada pelo igualmente imaturo desejo de se fazer passar por herói quando afinal não correu qualquer perigo. Entretanto, Ebba também não está livre de culpas, sobretudo quando concorda em mostrar uma “frente unida” perante os filhos, cuja decepção pelo que o pai fez (ou não fez) parece até eclipsar a de Ebba.

Este filme é uma série de autópsias após uma morte que não chegou a acontecer, a menos que se fale da morte da confiança e solidariedade numa relação fortemente apoiada na riqueza material. Cada nova prega no cenário faz-nos estremecer e reconhecer uma verdade raramente debatida.

Poderosamente inteligente nesta sua estrutura muito teatral, mas amplamente cinemática na sua abordagem formal, este filme é um último ato ambíguo e ousado, onde a família está pela segunda vez numa situação potencialmente perigosa. Embora Ostlund, um estilista glacial e cada vez mais confiante, nunca leve demasiado longe as suas metáforas, nós podemos acrescentar uma: esta família está a esquiar por uma pista perigosa na direção de um cisma ainda mais perigoso.

Ostlund convida-nos a olhar para nós mesmos com sinceridade. Ele aponta as nossas discrepâncias, tenta fazer-nos assumir a responsabilidade pelas nossas piores hipocrisias. **FORÇA MAIOR** é um filme assustador. Limpa a nossa camada superficial e revela a verdade gélida que está por baixo – **Henry Barnes, The Guardian**

Visualmente deslumbrante até nos seus momentos mais banais e emocionalmente perceptivo – **Peter Debruge, Variety**

O cineasta Ruben Ostlund alterna entre o humor e o thriller psicológico, enquanto redefine a coragem e a família. **FORÇA MAIOR** é um choque. Nem vamos perceber o que nos atingiu – **Peter Travers, Rolling Stone**

Esta abordagem genial e maldosamente divertida da complacência burguesa, estereótipos de género e presunções, bem como a ilusão da segurança, esfregam-nos a cara na fragilidade humana tão incansavelmente como qualquer filme de Michael Haneke – **Stephen Holden, New York Times**

Dinamarca, França, Noruega, Suécia | 2014 | Cor | 118 min

Distribuído por

